

PMS	FMLF	LEIAN
BIBLIOTECA		
Jornal		
A Tarde		
Data		
23/07/06		
Caderno	Página	
Salvador e Rm	11	
Seção		
Assunto		
Bairros (Nazaré)		

ARQUEOLOGIA | Coleção mostra como viviam os antigos ricos no bairro de Nazaré

Canteiro do metrô exibe relíquias do século XIX

LUCAS ESTEVES | A TARDE ON LINE
lesteves@grupoatarde.com.br

Porto Sauípe não será a única localidade da Bahia a ganhar um museu arqueológico. As descobertas de uma Salvador da segunda metade do século XIX, reveladas desde o ano 2000, a partir das escavações do metrô, podem render à capital baiana um espaço permanente para o público, com peças resgatadas da terra e relíquias dos meios de transporte que cruzaram as ruas da cidade até os dias de hoje. Essa pelo menos é a expectativa dos arqueólogos envolvidos nas obras do metrô.

O material que irá compor o futuro museu corresponde a aproximadamente 40 mil peças, encontradas durante as escavações de três bolsões de terra na área do Campo da Pólvora, em Nazaré. Parte das peças descobertas, encontradas entre o período de 2000 e 2003, já foi exposta durante mais de um ano no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (Ufba), no Terreiro de Jesus, além de uma mostra itinerante.

A "turnê" das relíquias já foi en-

A comparação entre as louças encontradas no Campo da Pólvora ajudou a equipe a revelar diferenças culturais entre o Nordeste e o Sudeste do País. "Salvador combina com Recife, porque boa parte da louça encontrada aqui, como lá, é de predominância inglesa, que era trazida pelos navios. Já no Rio de Janeiro, as louças usadas pelas pessoas eram francesas, já que a família real portuguesa inteira estava na cidade há tempos. Aquela sociedade trouxe o costume da influência francesa para o Rio. O que não aconteceu aqui, porque se comprava utensílios diretamente da Inglaterra", explica a arqueóloga



As peças escavadas entre 2000 e 2003 ainda estão em exposição no canteiro central das obras na Rótula do Abacaxi

cerrada, mas ainda é possível conhecer este passado trazido à superfície. As peças escavadas durante todos os anos da pesquisa arqueológica ainda estão em exposição no canteiro central das obras do metrô, na Rótula do Abacaxi, abertas à visitação pública. "Geralmente elas são procuradas por grupos de escolas infantis e pesquisadores em geral", explica a arqueóloga Leila Almeida, responsável pelas descobertas nas escavações das obras do metrô.

Por enquanto, tudo ainda circula no plano das idéias, mas a intenção dos pesquisadores encontra apoio em todos os segmentos envolvidos na construção do metrô. "A Ufba ficou bastante empolgada, o secretário municipal de Transportes e Infra-Estrutura, Nestor Duarte, apóia a idéia incondicio-

nalmente, a CBTU até quer que o museu seja na Estação da Calçada", conta Leila. O museu não tem data para construção e inauguração, mas já conta com um embrião de projeto.

Leila, no entanto, prefere pensar na idéia do museu em um contexto mais amplo. Ela sonha com um verdadeiro 'museu dos transportes'. Para isso, sonha com a reunião de diversos outros equipamentos, como canoas do Recôncavo, charretes, marinetes, e bondinhos que já cruzaram Salvador em outras épocas.

"Muitas coisas da nossa história estão se perdendo com a falta de cuidado. A idéia é organizar um pouco dessa história da evolução urbana da cidade. É como o nome da mostra: 'Trilhas do passado, trilhos do futuro.'"

O sumiço das peças tem motivo. Após tanto tempo de exibição, a maior parte dos achados está recolhida no laboratório de pesquisa do canteiro de obras para um melhor estudo e catalogação. "Gostaríamos de continuar expondo as peças, mas isso demanda uma dedicação muito grande, que é impossível darmos agora. Preferimos recolher a equipe para estudar melhor o que temos, analisar e limpar as peças para reconstruções e interpretação do material", relata a pesquisadora.

O tempo que ficou restrito aos laboratórios ajudou a diagnosticar melhor a sociedade sotropolitana do início da República, com a presença de novos ricos na região de Nazaré, especialmente comerciantes que se instalaram estrategicamente nas proximidades da

Baixa dos Sapateiros, onde vendiam seus produtos vindos diretamente da Inglaterra. "Estes comerciantes estavam lá porque conheciam a tônica da região, sabiam que ali haveria dinheiro corrente", analisa a arqueóloga, que também encontrou resquícios fortes da presença judaica no bairro.

O que mais fascina a pesquisadora, no entanto, é a leitura do cotidiano da sociedade retirado a partir dos seus restos esquecidos. "Tudo isto é muito interessante porque nos chama para a coisa comum das pessoas da época. Escavamos oito ou dez quadras, mas se eu pudesse, escavaria até mesmo debaixo do Fórum Ruy Barbosa", confessa a arqueóloga Leila Almeida, que garante ser impossível prever o que mais poderia ser encontrado na região.